



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 10, número 4, nov.-dez. 2021

RESENHA

RIBEIRO, Ana Elisa. *Multimodalidade, textos e tecnologias: provocações para a sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2021.

Ruy Martins dos Santos BATISTA
Universidade de Brasília, Brasil

Lucimar França dos Santos SOUZA
Universidade de Brasília, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTA RESENHA | OS AUTORES

RECEBIDO EM 30/06/2021 • APROVADO EM 06/12/2021

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v10i4.3628>

Resumo

Esta resenha apresenta a obra *Multimodalidade, textos e tecnologias: provocações para a sala de aula*, publicada pela editora Parábola em 2021. O livro traz reflexões significativas no campo dos múltiplos modos de entender o texto, haja vista tratar-se de área, cujo interesse não se finda. A obra se insere na grande área dos estudos linguísticos contemporâneos, pois busca considerar as mudanças ocorridas na atualidade, na qual a leitura dessa obra constitui-se essencial ao estudo das relações entre materialização (suporte ou portador), difusão e circulação social do texto em consonância com o advento das tecnologias de informação e comunicação (TIC), assim como suas contribuições à sala de aula.

Abstract

This review presents the work *Multimodality, texts, and technologies: provocations for the classroom*, published by Editora Parábola in 2021. The book brings significant reflections in the field of multiple ways to understand the text, given that it is an area whose interest

it does not end. The work is anchored in the great area of contemporary linguistic studies, as it seeks to consider the changes that have occurred today, in which the reading of this work is essential to the study of the relationship between materialization (support or carrier), diffusion, and social circulation of the text in line with the advent of information, and communication technologies (ICT), as well as their contributions to the classroom.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Multimodalidade. Textos. Tecnologias.

Keywords: Multimodality. Texts. Technologies.

Texto integral

Multimodalidade, textos e tecnologias: provocações para a sala de aula é mais uma obra significativa no campo da Linguística, cujo foco é o debate sobre as múltiplas formas de conceber o texto, uma vez que se trata de uma temática inesgotável. Ao considerar as mudanças ocorridas na atualidade, a leitura dessa obra constitui-se essencial ao estudo das relações entre materialização (suporte ou portador), difusão e circulação social do texto em consonância com o advento das tecnologias de informação e comunicação (TIC), assim como suas contribuições à sala de aula.

O livro apresenta perspectivas e desafios ao ensino de leitura e escrita, considerando a dinâmica das TIC, que têm impactado a esfera educacional, especificamente, diante do enfrentamento à pandemia do SARS Covid-19 (um tipo de Coronavírus), que tem levado a sociedade a se reinventar em termos de educação, trabalho e entretenimento. A isso, pressupõe o uso de tecnologias digitais na prática social, ainda que o uso dessas tecnologias não seja acessível a toda a população. Nesse sentido, ler e escrever “passou a se servir de [telas e] teclados, programas [e] editores de texto bastante sofisticados do que a produção manuscrita” (p. 13).

Ana Elisa Ribeiro tem se dedicado a produções acadêmicas relevantes na área mencionada acima, contribuindo significativamente com a prática pedagógica, e motivando, de forma específica, a um exercício diferenciado nessa direção. Trata-se de um estudo didático, com linguagem acessível, transpondo facilmente as teorias que o sustentam. A temática apresentada considera as dificuldades enfrentadas pelos estudantes em algumas modalidades de ensino da formação básica, bem como no ensino superior. Dessa forma, a obra imbrica tecnologias digitais e textos multimodais que circulam em vários espaços sociais, e que podem ser levados à escola, por sua vez, uma instituição social.

A obra foi dividida em nove partes, sendo um prólogo e oito capítulos, a saber: *Faces da leitura no século XXI: questões de multimodalidade* (1); *A importância do design na leitura* (2); *Ler com dedos: expectativas de pessoas analfabetas sobre a leitura do jornal impresso* (3); *Questões de multimodalidade e produção de sentidos em charges sobre o programa mais médicos* (4); *Leitura e escrita em ambientes digitais (principalmente WhatsApp)* (5); *Textos multimodais: camadas, dimensões e níveis* (6); *Textos multimodais na palma da mão: exercícios com memes* (7) e, por último, *Novas topografias – apenas ensaiadas – para o texto, o*

livro e a leitura (8). Ao final da obra, são apresentadas as referências que embasaram o estudo.

A autora tem diversas publicações, como por exemplo: *Textos multimodais – leitura e produção* (2016) e *escrever, hoje – Palavra, imagem e tecnologias digitais na educação* (2018), ambas publicadas pela Parábola Editorial. Possui ainda, mais de duas dezenas de outros importantes livros publicados por diversas editoras e, uma centena de artigos publicados em relevantes periódicos nacionais e internacionais e tem se dedicado pelos seguintes temas: a leitura, a produção e a edição de textos, sobretudo, na interface com as tecnologias e suas contribuições no processo de ensino-aprendizagem.

Ribeiro também tem interesse em pesquisas sobre a Linguística Aplicada e o entrecruzamento com a edição, sobretudo, na confluência leitura e produção de texto. Seus estudos têm contribuído sobremaneira com o uso de tecnologias em contexto de sala de aula, possibilitando desse modo, uma ressignificação da prática pedagógica e do processo de ensino-aprendizagem.

No capítulo 1, *Faces da leitura no século XXI: questões de multimodalidade*, a autora traz à tona algumas noções de texto e indagações que caminham para os objetivos de um texto, principalmente ao considerar as diversas formas e características composicionais que vão além do manuscrito. Assim, a leitura do texto pode mobilizar conhecimentos prévios sobre a temática em questão e suas interfaces, sobretudo, a partir das tecnologias que hoje estão ao alcance de muitos leitores. É necessário extrapolar o que está posto, e as tecnologias, nesse caso, podem ser “uma ação de linguagem cada vez mais demandada e, acima de tudo, cada vez mais ao alcance de todos nós” (p. 37), levando em conta outras maneiras de interação, uma vez que a “atual paisagem comunicacional pode ser caracterizada pela metáfora do *dizer o mundo para mostrar o mundo*. Essa metáfora aponta para uma mudança profunda no ato da leitura” (KRESS, 2003, p. 140, grifo da autora).

Paralelamente ao exposto, é possível perceber uma reflexão sobre os modos de ler e quais os objetivos do leitor ao escolher um texto em detrimento de tantos outros que circulam na sociedade. A autora traz, nesse capítulo, contribuições de Kress (2003) no que se refere às ‘novas’ práticas leitoras e escritoras e, ainda, múltiplas estratégias para dissecar ou (re)construir textos em tempos de tecnologias digitais e multimodalidade.

O capítulo 2, *A importância do design na leitura*, retoma uma questão que parece já respondida: o que é texto? No entanto, ela chama a atenção para as “transformações históricas, social e tecnologicamente situadas, e as teorias sobre eles também se ajustam” (p. 39). Diante disso, é possível constatar que as definições sobre texto ainda carecem de um aprofundamento, especialmente por considerar as mudanças sociais contemporâneas e o advento das tecnologias que forçam e possibilitam a criação de ‘novas’ formas de texto (multimodal e multissemiótico), pois deve-se considerar certa complexidade ao se debruçar sobre o estudo do texto, que o extrapola “como um evento de comunicação exclusivamente verbal” (p. 39).

Nesse sentido, a autora reafirma que há uma incompletude na constituição do texto e, portanto, deve-se considerar outros “elementos como imagens, o *layout*, o projeto gráfico [...], o suporte, as circunstâncias específicas de comunicação, entre

muitos outros elementos/camadas que entram na composição se um texto-para-circulação” (p. 40).

Quanto às práticas de leitura, o leitor tem a oportunidade de conhecer especialistas (internacionais e nacionais) do tema como Roger Chartier, Robert Darnton, Ângela Kleiman, Ana Teberosky e Teresa Colomer que se debruçaram em compreender como o leitor concebe o texto (que se torna livro depois do projeto editorial), e se apropria da leitura, sobretudo, a partir das tecnologias e das práticas cotidianas, das múltiplas telas e *softwares* que se encarregam não somente da editoração do texto, mas também, da sua circulação nos diversos contextos da sociedade digital.

A autora propõe, ainda, uma reflexão sobre as práticas sociais que envolvem a leitura e escrita como conceitos indissociáveis, presentes dentro e fora dos espaços escolares, assim como circulando na sociedade, isto é, os letramentos de maneira mais ampla e, de modo mais específico, o “letramento acadêmico, o letramento digital ou o letramento visual” (p. 43), que, especificamente, ela questiona: “Em que medida, o letramento visual interfere na leitura de textos escritos?” (p. 43). Para isso, ela fundamenta sua reflexão nos estudos semióticos sociais (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001; 2006) e na multimodalidade, em consonância com os estudos desenvolvidos nas áreas de educação e *design*.

O capítulo 3, *Ler com dedos: expectativas de pessoas analfabetas sobre a leitura do jornal impresso*, apresenta um entrecruzamento entre os estudos da linguagem, trazendo a semiótica social e retoma o conceito de *design* como área de importantes contribuições no modo de ler contemporâneo e os estudos do letramento visual, este último ancorado nos pressupostos de Dondis (2000). Baseada nos estudos de Kress e Van Leeuwen (2001, 2006), a autora busca apresentar outras formas de conceber e trabalhar com a leitura, sobretudo, considerando conceitos advindos dos estudos do letramento visual e semiótica social que envolvem aspectos como *design* e *layout*. Estes, por sua vez, culminam na materialização de “todos e os modos reunidos em um objeto/fenômeno/texto multimodal contribuem para significado” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, p. 28).

Ainda nesse capítulo, a autora apresenta resultados de uma pesquisa realizada com participantes analfabetos, residentes em Belo Horizonte/MG, que desenvolveram estratégias para vencer adversidades e burocracias, apesar de suas dificuldades nas práticas de letramento mais usuais presentes em seus contextos.

Já no capítulo 4, *Questões de multimodalidade e produção de sentidos em charges sobre o programa mais médicos*, a autora reporta-se ao conceito de *multiletramentos* de Rojo (2012), para trazer à baila, a partir daí, a noção de “multiplicidade semiótica”, cuja materialidade perpassa pela “circulação e emergência de gêneros discursivos variados, textos diversos” (p. 88), pois é preciso considerar o contexto de produção, os recursos semióticos, assim como o formato em que o leitor irá se debruçar e apreciar o texto. Para isso, o capítulo apresenta um conjunto de semioses, cuja combinação resulta na multimodalidade, possibilitando ao leitor, a produção de sentidos. A temática dessa seção é bastante interessante, à medida que a autora discorre sobre a proposta, análise e resultados a partir do gênero charge e outros artefatos semióticos.

No começo do Capítulo 5, *Leitura e Escrita em Ambientes Digitais (principalmente WhatsApp)*, a autora tece considerações aos 40 anos de estudos

das práticas de letramento no Brasil. Ela menciona a primeira ocorrência da palavra letramento (MARY KATO, 1980) e, em seguida, destaca as pesquisadoras Ângela Kleiman (1995) e Magda Soares (2003). Esse início do texto é excelente para que se entenda as diferenças e/ou semelhanças entre letramento e letramentos, bem como letramento e alfabetização. Além disso, ela conceitua alfabetismo, citando uma de suas obras, *Letramento no Brasil* (RIBEIRO, 2003), e, mais adiante, apresenta uma noção de *Multiletramentos* proposta pelo *New London Group* (1996), e difundida no Brasil por Roxane Rojo (2012) e outras publicações relacionadas ao tema.

O capítulo também destaca com relevância a influência das tecnologias de informação e comunicação nas práticas de leitura e escrita, mostrando novos caminhos e mudanças (comportamento social/comunicação), de modo geral, o que, de certa forma, dialoga com (multi)letramento(s). A partir dessa concepção plural, pode-se refletir [e até aprender] sobre letramento e suas vertentes, a exemplo do letramento digital, por meio do *corpus* coletado.

Nessa perspectiva, convém lembrar alguns conceitos de letramento como Soares (2004, p. 15) ao afirmar que letramento é “imersão [...] na cultura escrita, participação em experiências variadas com a leitura e a escrita, conhecimento e interação com diferentes tipos e gêneros de material escrito”. Para Gee (2015, p. 13) “[...] o estudo do letramento é sobre como a fala e a escrita [as práticas orais e escritas] são socialmente distribuídas como elementos fundantes da nossa vida social e das instituições”.

Street (1984) propõe que o letramento deve ser entendido em termos de práticas sociais concretas, considerando sua base ideológica e, conseqüentemente, fatores culturais, políticos, econômicos e sociais. Isso leva a perceber que questões sociotecnológicas e historicamente situadas têm relação com letramento.

As práticas de linguagem coletadas do WhatsApp (*corpus*) são interações reais que ajudam a perceber o letramento digital, com uso de *smartphones*, e lidando com questões discursivas e comunicacionais. A noção de letramento digital (COSCARELLI; RIBEIRO, 2005) se aplica ao tema do capítulo porque parte de situações produzidas por meio de computadores e aplicativos conhecidos e populares.

No Capítulo 6, *Textos Multimodais - Camadas, Dimensões e Níveis*, a autora apresenta uma discussão acerca da existência ou não de textos monomodais, possibilidade descartada com base em Kress e Van Leeuwen (1998), opções teóricas do capítulo, em especial na Gramática do *Design Visual* (GDV) dos referidos autores. Parte-se, portanto, da premissa de que é impossível um texto composto por uma linguagem apenas.

Admitir a concepção de que todo texto é multimodal evidencia os diferentes modos, bem como suas adequações no processo de composição textual, que resulta em diferentes gêneros de texto, cada um capaz de tornar-se objeto de análise no âmbito da semiologia. Na seção *Ler integralmente*, a ideia é que o leitor perceba a impossibilidade de ler textos desintegrados, uma vez que esses precisam ser lidos em sua integralidade, e, o melhor de tudo isso, é reconhecer que cada aspecto de um texto, seja linguístico ou não, de acordo com suas condições de produção e contexto de situação comunicativa, produzirá um efeito de sentido. Se não, aproximar-se-á disso.

Na seção, *Textos multimodais diversos: um olhar cidadão e acadêmico*, são apresentados e, posteriormente, analisados alguns textos de circulação social como capa de uma revista, imagem para redes sociais, fotografia de uma cena de peça teatral e uma propaganda de uma companhia aérea. Assim, da página 125 a 136, a autora faz uma análise de cada uma dessas peças, demonstrando uma multimodalidade interessante e inteligente por meio de um trabalho “engenhoso” de composição (seleção, escolhas, edição), resultando em múltiplas leituras, diferentes interpretações e uma infinidade de recursos presentes nos textos sejam verbais, não verbais ou transverbais que apontam para a multimodalidade.

Na conclusão do capítulo, a autora sugere a leitura de textos que circulam em diferentes meios de circulação como revistas, jornais, redes sociais e outros espaços de inscrição e veiculação, à luz da multimodalidade, nas óticas de Kress e Van Leeuwen. O capítulo apresenta a multimodalidade como, também, um fomento ao exercício de leitura e escrita em diferentes segmentos de ensino, sobretudo após a publicação da BNCC, documento que valida a multimodalidade como teoria social.

No Capítulo 7, *Textos Multimodais na Palma da Mão – Exercícios com Memes*, a autora defende que todos os textos são multimodais, pois estão em toda parte, circulam intensamente, e são produzidos, consumidos, transmitidos, (re)produzidos, transformados, por intermédio da relação texto e discurso. Assim, a autora chama a atenção para características desses textos, como o anonimato de suas fontes, mas destaca seu principal objetivo: entreter o leitor por meio de crítica social ou política. Kress (2003) é uma das opções teóricas da autora, e destaca que a “engenharia” do texto multimodal é um “poder semiótico” (p. 140), tamanha a sua capacidade de seleção, mobilização, tessitura e expressão dos recursos empregados, para cumprir a função social dos textos.

Na visão da autora, é comum professores levarem textos para a sala de aula, retirando-os de seus portadores ou suportes e formatos originais, sob o risco de suprimirem elementos prejudiciais ao caráter didático de determinadas expressões ou marcas do texto. Para preencher essa lacuna, o capítulo coloca o leitor em contato com textos multimodais, demonstrando seus recursos escritos, ilustrativos, orais, visuais, sonoros, e desafiando o leitor a reconhecer novos formatos de texto, além de quebrar paradigmas sobre leitura e escrita na contemporaneidade.

Os exemplos trazidos são textos de “ampla circulação social” (p. 141), nos quais o leitor percebe aspectos como diversidade de gêneros textuais, tal como o hibridismo entre si. A autora destaca o poder criativo e dinâmico dos produtores de textos multimodais, que aceitos ou não, pelo leitor, ensejam a crítica, o cinismo, o sarcasmo, o riso, e fazem pensar. Segundo a autora, é esperado que professores vejam a importância de trabalhar novas concepções/formatos/leituras em sala de aula, de modo a “empoderar semioticamente todas as pessoas” (p. 141). Essa objetivação é voltada aos professores para que percebam o ensino de língua e linguagem como aproximação entre escola e realidade.

Relevantemente, o capítulo discorre (p. 141-146) sobre o desafio dos novos modos de ler e escrever por intermédio das mudanças tecnológicas. Nesse caso, torna-se comum perguntar: “Devo expressar isto com sons ou música? Visual ou verbalmente?” (KRESS; VAN LEEUVEN, 2001, p. 2). Para demonstrar possíveis

respostas a essas perguntas, professores da área de língua e linguagem têm a oportunidade de ler textos escolhidos, a partir de Kress e Van Leeuwen (2001) nos enfoques discurso, *design*, produção e distribuição, destacando cada um desses aspectos. No decorrer da leitura, percebe-se que por razões semióticas e políticas, professor/a e escola têm de aderir às tecnologias digitais. Além disso, podem ampliar suas noções de texto, ao ensinar leitura e/ou escrita (VAN LEEUVEN, 2004).

Na seção *Alguns casos, alguns exercícios*, tem-se a oportunidade de praticar a leitura, e aplicar categorias propostas por Kress e Van Leeuwen (2006), em textos de ampla circulação social, a fim de compreender as escalas de multimodalidade. Os textos são oriundos de redes sociais e aplicativos de mensagens, e fazem conexões entre política, arte e a pandemia da Covid-19. São, portanto, peças de circulação social recente. Numa abordagem multimodal, são apresentadas estratégias aplicadas à produção de sentido, conduzindo ao humor, ao riso, à crítica, “ainda que as situações sejam sérias e tristes, como é o caso da pandemia” (p. 147). Os exercícios ampliam os conhecimentos sobre textos multimodais, além de propiciar interação com as peças analisadas (p. 147-160).

A conclusão do capítulo lança múltiplos olhares sobre a prática pedagógica dos professores que lidam com ensino de língua e linguagens na escola, a fim de incentivá-los, despertá-los e auxiliá-los no trabalho de leitura e escrita, em conformidade com a realidade contemporânea. Para a autora, temas e textos circulam frequentemente, de modo que podem ser acessados, e tornarem-se motivações e inspirações para aulas de língua que contemplem atividades de leitura e produção textual.

Novas Topografias – apenas ensaiadas – para o texto, o livro e a leitura é o título do Capítulo 8, que traz a palavra “topografia”, referindo-se aos espaços de circulação dos textos. Assim, depreende a ideia de textos como terrenos de diferentes geografias, incluindo as conexões entre leitura, literatura e linguagens, o que permite ver o texto como “terreno movediço” ou “território acidentado”, uma vez que o texto é comumente atravessado por outros elementos, além do leitor, jamais passivo. A autora usa a palavra topografia, compreendendo-a a partir da “descrição exata e minuciosa de um lugar” (p. 166), ou seja, “as novas topografias textuais” (p. 166).

O capítulo enfatiza que o foco da discussão são as limitações dos profissionais que lidam com o texto, por sua vez, içado de seus meios e suportes “tradicionais”, rumo a uma gama de possibilidades moldadas pelas tecnologias digitais. Ademais, o capítulo, no geral, deslumbra o leitor ao interagir com a autora, percebendo novas formas de materialidade dos textos. É mister que o leitor reflita sobre algumas perguntas presentes no 3º parágrafo da seção *Leitor, escritor, texto e outros desafiados* (p. 167).

Ao discorrer sobre as topografias, a autora destaca a importância de leitor e escritor (re)conhecerem e experimentarem essas vertentes geográficas aplicadas aos textos. A leitura do capítulo desperta o leitor (professores de língua/pesquisadores da área de edição) para a pesquisa de textos.

Em seguida, ela demonstra seu interesse por leituras, livros, textos e tecnologias, sobretudo pelo impacto inovador. O aporte teórico inclui os estudos de Albarrán e Ribeiro (2015) sobre editoriais digitais, destacando a discussão sobre

as possibilidades efetivas da produção literária em dispositivos móveis. Outra referência é Roger Chartier, por suas proposições como historiador do livro. Assim, segue a autora jogando luz sobre a relação tecnologias e livros.

Na seção *Novos terrenos para o texto*, tem-se a oportunidade de (re)conhecer novas topografias e novos lugares para os textos, assim como novos modos de ler e escrever, geralmente relacionados a tecnologias digitais. A partir de Vecchio (2014) e Souza (2016), a autora discute o acesso à produção escrita no ambiente digital. Há exemplos de publicações (revistas científicas, jornais entre outros), cuja acessibilidade não está disponível a todas as classes sociais. Isso demonstra a fragilidade do Brasil, o que pode ser relacionado à exclusão, preocupação de Vecchio (2014) e Souza (2016). Outro aspecto relevante é a dinamicidade das tecnologias digitais aplicadas à leitura e à escrita.

Em *Literatura e novas topografias: um caso*, o objetivo da seção é discutir e refletir sobre os novos terrenos da literatura, considerando que, aceitando ou não, o livro impresso passou à categoria de “tradicional”, e, às vezes, visto como ultrapassado. Cabe ao leitor, portanto, a descoberta de lugares (digitais) onde se pode encontrar novos formatos de leitura que vão ao encontro de novos modos de viver e novas práticas de leitura. Ao finalizar, a autora, mais uma vez, lança novos olhares sobre o tema e instiga o leitor a buscar novas possibilidades e inovações, mesmo que tímidas, inicialmente.

Referências

GEE, J. *Social linguistics and literacies: Ideology in discourses*. New York: Routledge, 2015.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Multimodalidade, textos e tecnologias: provocações para a sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2021.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: n. 25, p. 5-17, jan./abr. 2004.

STREET, B. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

Para citar esta resenha

BATISTA, Ruy Martins dos Santos; SOUZA, Lucimar França dos Santos. Resenha de: “RIBEIRO, Ana Elisa. *Multimodalidade, textos e tecnologias: provocações para a sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2021”. São Paulo, SP: Parábola, 2021”. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 10, n. 4, p. 1868-1876, nov.-dez. 2021.

Ruy Martins dos Santos Batista é doutorando em Linguística pelo PPGL da Universidade de Brasília/UnB e mestre em Letras (Estudos Linguísticos) pela Universidade Federal do Tocantins/UFT. É especialista em Educação a Distância e as Tecnologias Educacionais; especialista em Docência do Ensino Superior. Licenciado em Letras: Português/Inglês. Integrante dos Grupos de Pesquisa: SIGNO - Os significantes e os significados do ensino e da produção de textos: pesquisa, ação e reflexão (UnB/CNPq) e Práticas de Linguagens (UFT/CNPq). Possui publicações que tematizam práticas de ensino e aprendizagem de línguas (análise linguístico-discursiva) e formação de professores de Língua Materna. Tem se dedicado, especificamente, a pesquisas sobre práticas sociais de leitura e escrita em contextos educacionais.

Lucimar França dos Santos Souza possui Licenciatura Plena em Letras Português Inglês (FEUC-RJ); Especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa (UNICLAR-SP), Mestrado em Estudos Linguísticos (UFG-GO) e Doutoranda em Linguística (UnB-DF). Prof^a cooperante internacional de educação (2005-2017); Atuação docente há 32 anos, incluindo a formação básica e o ensino superior. Ministração de aulas de Português nas concepções Língua materna (LM) e Segunda Língua (L2), Literatura e Metodologia do Ensino de Português. Intercâmbio de Inglês na África do Sul (2008). Atuação docente em Timor-Leste (Sudoeste asiático). Pesquisadora do processo de Consolidação do Uso da Língua Portuguesa na Administração Pública de Timor-Leste. Pesquisadora do processo de inclusão de pessoas com deficiência, no âmbito da educação pública de Timor-Leste. Revisora de Textos. Nível avançado de Inglês; nível intermediário de Espanhol. Suficiência em Tetun, língua nacional/oficial de Timor-Leste.